

Pix taxado: a desinformação como aliada na estratégia de Nikolas Ferreira para viralizar

Pix taxado: la desinformación como aliada en la estrategia de Nikolas Ferreira para viralizar

The Tax on Pix: How Disinformation Became an Ally in Nikolas Ferreira's Strategy to Go Viral

LUIZA ELTZ¹

Resumo: O artigo analisa o vídeo viral publicado pelo deputado Nikolas Ferreira (PL-SP) a respeito do Pix para entender as estratégias para essa disseminação e os potenciais riscos desinformativos. Como conclusão, foi possível compreender que a narrativa construída por Nikolas proporcionou um efeito de proximidade, de modo que os usuários se sentiram autores do discurso: conscientes, informados e unidos contra a medida do governo. Essas estratégias foram fundamentais para que um conteúdo desinformativo fosse replicado, o que acende um alerta para os profissionais da área.

Palavras-chave: Pix; estratégias discursivas; Nikolas Ferreira; análise do discurso; sociossemiótica.

Resumen: El artículo analiza el video viral publicado por el diputado Nikolas Ferreira (PL-SP) sobre el Pix, con el objetivo de comprender las estrategias de su difusión y los potenciales riesgos desinformativos. Como conclusión, fue posible identificar que la narrativa construida por Nikolas generó un efecto de proximidad, de modo que los usuarios se percibieron como autores del discurso: conscientes, informados y unidos contra la medida del gobierno. Estas estrategias fueron fundamentales para que un contenido desinformativo se replicara, lo que enciende una señal de alerta para los profesionales del área.

¹ Doutoranda em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Email: luizaeltz@gmail.com

Palabras clave: Pix; estrategias discursivas; Nikolas Ferreira; análisis del discurso; sociosemiótica.

Abstract: The article analyzes the viral video published by Congressman Nikolas Ferreira (PL-SP) regarding Pix, Brazil's instant payment system, in order to understand the strategies behind its dissemination and the potential risks of disinformation. In conclusion, it was possible to determine that the narrative constructed by Nikolas generated an effect of proximity, leading users to perceive themselves as authors of the discourse—aware, informed, and united against the government measure. These strategies were fundamental to the replication of disinformative content, which raises an alert for professionals in the field.

Keywords: Pix; discursive strategies; Nikolas Ferreira; discourse analysis; social semiotics.

Introdução

No início de janeiro de 2025, o governo Lula atualizou, por meio do Ministério da Fazenda, comandado por Fernando Haddad (PT), as normas para o monitoramento financeira com o objetivo de incluir o pagamento via Pix. O intuito era que a Receita passasse a receber dados de transações de carteiras digitais e das *fintechs* para movimentações acima de 5 mil reais por mês para as pessoas físicas. A mudança ampliaria a obrigação da informação de dados nessas movimentações, que antes eram apenas comunicadas por bancos tradicionais. A política tinha por objetivo aumentar a segurança, simplificar o fluxo de caixa e integrar os sistemas de gestão financeira.

Como em todo jogo político, a escolha adotada pela Fazenda foi questionada por parte da oposição e de indivíduos que utilizaram de suas redes sociais para tentar entender a mudança. Essa resposta foi replicada por diversas esferas: o governo, os próprios usuários, jornalistas e opositores políticos. Nesse último caso, inclusive, ir às plataformas foi uma solução para que fosse pavimentado e circulado um debate público que, além de divergir economicamente da medida, fomentou possíveis desinformações que tiveram por objetivo conduzir o eleitor a rechaçar a proposta.

A mudança no Pix, que em teoria traria benefícios, estava sendo taxada como prejudicial para os cidadãos. Em primeiro lugar, a palavra “monitoramento” foi cravada como um sinônimo de vigilância levando à interpretação de que cada pagamento realizado via Pix seria fiscalizado pelo governo e, posteriormente, tributado. O ruído, a desinformação e as *fake news* ganharam força nesse

cenário e o desconforto foi instrumentalizado para a condução do debate público.

O Governo Lula tentou contornar o caos instaurado²: fez pronunciamento à imprensa, divulgou vídeo nas redes sociais citando os principais pontos mentirosos e até mesmo apontou que a desinformação inflamada por opositores era um ataque contra a democracia. Essas ações, entretanto, não reverteram o dano e a disseminação negativa da medida que a Receita Federal iria adotar em relação ao Pix.

Em 15 de janeiro de 2025, o governo recuou e renunciou à proposta de atualização das regras envolvendo o Pix. Na coletiva de imprensa organizada para sinalizar essa desistência, o secretário da Receita Federal, Robinson Barreirinhas, afirmou que “pessoas inescrupulosas distorceram um ato da Receita, causando pânico. Apesar de todo o nosso trabalho, esse dano é continuado. Por isso, decidi revogar esse ato”³.

O discurso de que a medida havia sido vítima de uma parte da sociedade que está contra a melhoria do país foi reforçado pelo ministro da Fazenda Fernando Haddad, que justificou o recuo dizendo que o “estrago já foi feito” e, exatamente por conta dessa suposta irreversibilidade, eles estavam editando uma Medida Provisória para garantir que o Pix não fosse taxado, algo que sequer estava incluso na Primeira portaria. Foi uma tentativa de reforçar que, diante das *fake news*, o necessário era criar um outro debate, do zero, que não fosse contaminado por notícias falsas.

Essa mudança de rota foi vista pelos opositores do Governo Lula como uma vitória, ainda mais após a viralização do vídeo nas redes sociais do deputado federal Nikolas Ferreira (PL-SP), que postou, em 14 de janeiro de 2025, um dia antes da revogação da medida da Receita Federal, um conteúdo audiovisual rechaçando a norma publicamente. Essa postagem acumulou mais de 330 milhões de visualizações e teve o potencial de inflamar ainda mais o debate público. Para os políticos opositores ao governo, o vídeo foi o propulsor para derrubar a medida.

² Oliveira, E. Haddad divulga vídeo para desmentir taxaço do Pix: 'Fake news'. O Globo. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/economia/noticia/2025/01/09/haddad-divulga-video-para-desmentir-taxacao-do-pix-fake-news.ghtml>>. Acessado em 07.jun.2025.

³ Lima, B. Pix: entenda em cinco pontos a crise que levou o governo a revogar norma da Receita sobre movimentações financeiras. O Globo. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/noticia/2025/01/15/pix-entenda-em-cinco-pontos-a-crise-que-levou-o-governo-a-revogar-norma-da-receita-sobre-movimentacoes-financeiras.ghtml>>. Acessado em 13.set.2025.

Diante disso, este artigo objetiva se debruçar sobre um dos debates mais importantes e polêmicos de 2025: a alteração do Pix. Como recorte, será analisado o vídeo divulgado pelo deputado Nikolas Ferreira nas redes sociais por conta de sua viralização e impacto no recuo do governo diante da desinformação circulada nas redes sociais.

Em relação à metodologia, o artigo conta com a Semiótica Discursiva de Greimas e seu grupo de colaboradores. Essa escolha metodológica é justificada pelo objetivo da pesquisa ser, justamente, o discurso desinformativo de Nikolas Ferreira e suas respectivas produções de sentido que conduziram, influenciaram e interagiram, de modo geral, com a sociedade que mediada pelas redes sociais. Esse sentido é construído: não é algo fechado, dado ou uma mera significação do que está ali posto. É necessário entender essa estratégia para que, consequentemente, seja possível problematizar o recuo político do governo, o impacto da desinformação na sociedade e como esses discursos podem viralizar nas redes sociais. Esse repertório permitirá, diante do discurso de Nikolas a respeito do Pix, destrinchar as articulações discursivas que são constitutivas de uma manifestação desinformativa nas redes sociais.

A importância desta análise é conhecer e problematizar as estratégias desinformativas que podem não apenas estar presentes no vídeo do Nikolas, mas também em outros discursos. Quando se conhece um pouco mais do que está sendo circulado, é possível, quem sabe, combatê-lo.

Nikolas Ferreira: o deputado mais votado do Brasil como case para a desinformação

Nikolas Ferreira, com 26 anos em 2022, quebrou o recorde ao se tornar o deputado federal mais votado do Brasil⁴. Com 1.492.047 votos, Nikolas sempre fez questão de explicitar seus valores cristãos, conservadores e ligados ao bolsonarismo:

Tendo como cerne uma linguagem tradicionalista e bélica, próprias da constelação de ideias conservadoras e reacionárias. Nesse sentido, seu discurso orbita tanto em se opor a temas próprios do debate feminista, especialmente o aborto, mas também sobre a emancipação da mulher, direito

⁴ Nikolas Ferreira é o deputado federal mais votado do Brasil e da história de Minas Gerais. Disponível em <<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/eleicoes/2022/noticia/2022/10/02/nikolas-ferreira-e-o-deputado-federal-mais-votado-da-historia-de-minas-gerais.ghtml>>. G1. Acessado em 24.nov.2025

reprodutivo, entre outros, como de questões centrais da comunidade LGBTQIAP+, sobretudo o casamento gay e as identidades de gênero (Bissiat et al, 2024).

Desse modo, o político utiliza as plataformas como meio de se conectar com seus eleitores e de circular os seus ideais que, por muitas vezes, se baseiam em discursos desinformativos e de ódio. A desinformação, para a semiótica discursiva de Greimas, pode ser explicada como um discurso que se *faz crer verdadeiro*. Não há, nesse caso, uma “verdade”, mas sim uma problemática de marcas desse *fazer crer verdadeiro* que são inscritas no discurso para que sejam ostentadas como falas verdadeiras, falsas ou tendenciosas.

Greimas e Courtés (2008) explicam que não basta, portanto, um discurso ser um fato científico comprovado para que seja abraçado como uma verdade irreduzível. A suposta verdade:

Para ser dita e assumida, tem de deslocar-se em direção às instâncias do enunciador e do enunciatário. Não mais se imagina que o enunciador produza discursos verdadeiros, mas discursos que produzem um efeito de sentido “verdade”: desse ponto de vista, a produção da verdade corresponde ao exercício de um fazer cognitivo particular, de um fazer parecer verdadeiro que se pode chamar, sem nenhuma nuance pejorativa, de fazer persuasivo. Exercido pelo enunciador, o fazer persuasivo só tem uma finalidade: conseguir a adesão do enunciatário (Greimas e Courtés, 2008, p. 487).

Ademais, a Imagem do sujeito, daquele que fala, tem um peso de veracidade e credibilidade maior do que uma “adequação à realidade sobre o que se fala” (Demuru, Fachine e Lima, 2021, p. 20). O conteúdo por si só acaba sendo menos importante do que a pessoa que discursa. De fato, são recursos persuasivos instrumentalizados como peças primordiais na disseminação de um conteúdo. A circulação dessas falas digitalmente, inevitavelmente, complexifica esse cenário, pois, nessa interface, esses discursos são:

Considerados verdadeiros, ou seja, que parecem e são verdadeiros, tendo em vista a grande quantidade de saber que a internet armazena. Mais do que isso, eles são discursos que desmascaram a mentira, que parece, mas não é verdadeira, ou revelam o segredo, que não parece, mas é verdadeiro. O destinatário do discurso na internet, que dele se considera parte, pela interatividade intensa já mencionada, e mais ainda “autor-destinador”, acredita e confia nesse discurso (Barros, 2014).

No caso do discurso de um político, como foi exposto, a Imagem do parlamentar é de suma importância para conferir credibilidade e, por estar circulando nas plataformas, passa a ser vivida como uma narrativa criada tanto pelo destinatário, seu seguidor, quanto pelo destinador. Nesse caso, podemos apontar que essas escolhas políticas, encarnadas na Imagem de um parlamentar, passam a circular menos pela razão e mais por uma:

Questão epidérmica de gostos e desgostos, de humores e de afinidades de temperamento em relação às personalidades em foco, outros tantos fatores difíceis de apreender conceitualmente, de descrever e mais ainda de prever, pois emanam do sentimento individual mais imediato. E, sobretudo, tais fatores excluem toda possibilidade de discussão (Landowski, 2022, p. 3).

A sociedade, portanto, ao se deparar com parlamentares caracterizados por um discurso intolerante e de ódio, corre o risco de não problematizar aquilo que está sendo posto. Não é possível excluir, também, o papel das *big techs* e das redes sociais nesta questão. Segundo dados da Universidade de Oxford, em parceria com a Reuters⁵, 78% dos brasileiros se informam pela *internet* e, portanto, correm o risco de esbarrar em alguma desinformação e a considerar verdadeira. Segundo esse mesmo relatório, figuras políticas e influenciadores conseguem ser a opção predileta para o consumo de notícias.

Podemos concluir, portanto, que as redes sociais pioram o cenário da desinformação, além de servirem como uma plataforma política conveniente aos ideais dos próprios parlamentares.

O post de Nikolas Ferreira: viralização ou propagabilidade?

No dia 14 de janeiro de 2025, o deputado Nikolas Ferreira postou um vídeo de quatro minutos e o compartilhou em todas as redes sociais associadas a sua conta. No *Instagram*, o vídeo acumula mais de 330 milhões de visualizações. Essa métrica foi atingida por uma série de estratégias que são acionadas como: o respaldo da programação de determinada plataforma que impulsiona que um conteúdo seja alavancado na mídia; a entrega dos algoritmos de um indivíduo que passa a se defrontar com o conteúdo do deputado como um produto em oferta; e uma intencionalidade do próprio deputado em perceber um interesse da sociedade e, diante disso, apostar em um conteúdo.

Os estudos de Henry Jenkins (2013, 2015) se dedicam a entender o fenômeno da viralização e da propagabilidade dos conteúdos online. Segundo o autor, o conceito do viral está associado a uma lógica de persuasão em que, de modo tradicional, um destinador cria seu conteúdo de modo a enquadrá-lo, sufocá-lo, e condicioná-lo a um determinado tipo de consumo. Não há espaço, por exemplo, para que haja novas construções, reciprocidade ou interlocução entre os sujeitos que estão em contato com aquela postagem. Jenkins exemplifica que um conteúdo viral é como um vírus, sendo que os criadores de conteúdo tratam do que produzem com a promessa e o ímpeto de que ele

⁵ Carro, R. Digital News Report 2025. Reuters Institute. Disponível em <<https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2024>>. Acesso em: 24.nov.2025.

infecte a todos. Uma infecção, nesse caso, é programada para que ocorra de determinada maneira. Há um controle absoluto na criação, transmissão e circulação daquilo que é divulgado nas plataformas online. No entanto, não é levada em conta, segundo o autor, a potencialidade de esses espaços digitais, em teoria, permitirem que o destinatário se sinta como um curador dos conteúdos que passam por ele.

Um paralelo com a teoria difundida por Eric Landowski, em *Interações Arriscadas* (2014), aponta que a promoção de conteúdos virais estaria apoiada em um regime de manipulação cujo objetivo é conduzir o outro sujeito a uma determinada ação: a do consumo do conteúdo difundido. Para isso, claro, indica-se um destinador que conhece amplamente seu destinatário, seus desejos, suas vontades, suas ambições, seus receios, enxergando na postagem uma oportunidade de contagiá-lo, de conduzi-lo a um fazer interpretativo e prescritivo em relação ao que foi exposto no conteúdo.

A mediação das telas não impede o contato próximo, face a face, que um determinado destinador teria com seu destinatário. Pelo contrário. Como abordado em estudos anteriores:

O sentimento de angústia diante de um determinado tema, por exemplo, e a repulsa ou a admiração por certo político é representado por aqueles que estão na frente das câmeras e que sinalizam para o destinatário metonímias de si mesmo (...). A interface presentifica e imerge o destinatário de modo com que ele se sinta vivo (Eltz, 2024, pp. 104–112).

Portanto, há a possibilidade de que, naquela atmosfera, diante de uma figura que se propõe a narrar as inquietações de uma sociedade desigual, possa, naquela presença íntima, conduzir que certas atitudes floresçam. Uma dinâmica que combina a sensibilidade com a intencionalidade e com o potencial de estimular que os outros se sintam tocados e, conseqüentemente, contagiados por uma determinada presença (Landowski, 2021, p. 188).

Ademais, estaríamos apontando para uma verdade negociada, um conceito também promovido por Landowski (2022, p. 12), que aponta para a criação de um conteúdo que leva em conta a oportunidade do “compartilhamento, ainda que momentâneo, de uma mesma visão do mundo”. Evidentemente, é necessário da parte do político entender com qual público está lidando. A depender de como essa estratégia é articulada, é possível, ainda, que essa dinâmica progrida para uma lógica da verdade experimentada em que a figura de Nikolas Ferreira, nesse caso, seja alçada como um interlocutor que entende o outro, que tem uma fidúcia em seu discurso e representa aqueles com quem dialoga:

Por meio de uma forma de inteligibilidade do sentir, que se experimenta, neste caso, “à flor da pele”, o sentimento de uma sintonia com o outro, que, por isso mesmo resulta na aceitação incondicional de sua fala (...) Antes de acreditar no que lhe dizem, ele não precisará nem de provas nem de demonstrações, porque, se ele confia em algo, é sobretudo naquilo que lhe diz sua intuição, sua “sensibilidade” na presença de outrem (Landowski, 2022, p. 16).

Dessa forma, as possibilidades para que um conteúdo viralize nas redes sociais é baseado em uma estratégia de não apenas entender seu destinatário, mas também de ter uma inteligibilidade do sentir para que isso se torne uma pauta a ser viabilizada para além do mundo digital, tendo impactos em portarias promulgadas pelo governo, por exemplo. Isso nos leva a um segundo ponto: qual é a diferença da viralização para a propagabilidade? O que indicaria que o conteúdo que Nikolas Ferreira difundiu não está localizado nessa segunda categoria?

Primeiramente, é necessário entender o conceito de propagabilidade. Segundo Jenkins (2015), o destinador, nesse caso, aceita as modificações registradas no ambiente digital. Há o entendimento do potencial de circulação em torno desses enunciados difundidos e a recriação por parte do público ao criar memes, sátiras, reiteraões, por exemplo. Além disso, não há o desejo de preservar, principalmente, o controle do criador. Ao aproximarmos essa ideia de Jenkins às interações discursivas de Oliveira (2013), percebemos uma enunciação que sinaliza para um sentido compartilhado entre o enunciador e o enunciatário, em um posicionamento entre essas partes - que é mutável, que não é fixo e muito menos está apoiado em hierarquias - na possibilidade de que juntos o sentido há de surgir por meio da experimentalização da vida.

Ao progredirmos para o nível narrativo e pensando nos regimes de interação e sentido de Landowski, estaríamos nos debruçando em um regime do ajustamento em que o fazer sentir é apreendido em sintonia, entre os sujeitos que estão disponíveis e dispostos a, juntos, se debruçarem no que está sendo vivido no presente.

Assim, partimos dos seguintes pressupostos: Nikolas Ferreira é um sujeito dotado de intencionalidade. Seu objetivo é se opor ao governo federal ou à medida anunciada pela Receita Federal. O deputado também deseja dialogar com seus eleitores, demonstrando que os representa, que os entende e que tem como papel-temático o dever de, na Câmara dos Deputados, exercer o papel de interlocutor das vontades do seu eleitorado. Essa relação entre os

sujeitos, Nikolas e seus eleitores, deve ser manuseada rotineiramente e calibrada a depender da pauta que está em discussão na sociedade.

Por esse motivo, diante da polêmica do Pix, não basta para o político explicitar o contrato que firmou com seu destinatário, que se baseia no mesmo desejo de visão de mundo ideal e utiliza da política para que isso seja posto em prática, mas vale do destinador Nikolas tentar estimular um fazer do outro para que, juntos, a reivindicação ganhe mais força ou tomar uma ação que relembre o porquê de ele ser merecedor daquela parcela de votos. Há uma estratégia na manutenção desse laço. Por conta dessa intencionalidade e negociação, a suposta apreensão do sentido, o fazer sentir, é totalmente baseado em um simulacro. Em uma inteligibilidade do sentir, em um parecer de reciprocidade, que tem como objetivo, direcionar o eleitorado a fazer alguma ação, e, em decorrência disso, o conteúdo produzido pelo político fica mais no campo da viralização do que da propagabilidade.

A viralização inclui a possibilidade de atingir mais pessoas e de aumentar seu eleitorado. É uma peça política, uma campanha para que o nome seja mais conhecido e que contagie outras pessoas a se unirem pela causa. Para isso, por meio do vídeo, será interessante analisarmos não apenas a visão de mundo que o político reforça durante sua peça audiovisual, mas também a enunciação de um discurso cujo objetivo é ser compartilhado repetidas vezes, desinformando a cada clique.

Visto isso, os próximos tópicos estão comprometidos em entendermos as estratégias discursivas do político e de que forma elas foram acionadas na produção do vídeo do Pix.

Análise do vídeo: o post

A pesquisa se propôs em analisar a forma com que o conteúdo foi divulgado nas plataformas, desde a legenda escolhida para emoldurar o vídeo, assim como a gravação por si só. Serão destacados *frames* que foram fundamentais para a construção e produção de um sentido que é característico da fala de Nikolas Ferreira e que foram repetidos durante o vídeo.

As cenas serão analisadas com base na Semiótica Discursiva de Greimas, que tem como proposta, por meio do percurso gerativo de sentido no nível discursivo — pelo exame dos procedimentos da enunciação: a actorialização, a temporalização, a espacialização e a aspectualização; narrativo: os regimes de interação, de sentido e de risco propostos por Landowski (2014, 2020 e

2022), o que é fundamental, pois explicita os valores que circulam dinamicamente por esse discurso. A ideia é destrinchar o discurso para que, assim, seja compreendida a estratégia de desinformação do parlamentar.

O vídeo de Nikolas Ferreira é acompanhado por uma legenda “O Pix está unindo o povo” (Imagem 1). A linguagem verbal escrita norteia o destinatário de que o tema a ser tratado é a medida da Receita Federal, uma leitura condicionada a ser feita pelo enunciatário que se debruça nas palavras-chave para entender a temática:

Imagem 1: Post de Nikolas Ferreira a respeito da polêmica do Pix



Fonte: Instagram @nikolasferreiradm

Nesta legenda, é utilizado o gerúndio do verbo “unir”. Essa forma verbal é caracterizada por indicar uma ação em andamento. No caso da polêmica do Pix, é possível compreender que o caso aponta para uma movimentação com possibilidades de transformação. Um enunciado que indica a saída de um estado em direção a outro.

Acrescenta-se que unir é aproximar. Esse verbo remete ainda a um objetivo comum capaz de movimentar a população, mas que, nesse caso, está fazendo referência a um setor específico da sociedade brasileira: “o povo”. A escolha desse substantivo carrega um valor semântico que sinaliza para uma classe mais humilde da sociedade. Além disso, Nikolas Ferreira, ao escrever essa palavra, demonstra uma proximidade com essa classe, um lugar de conforto e, principalmente, identidade. De certa forma, vislumbra-se que o político se sente enquadrado no povo ao qual se refere e que é um interlocutor deles.

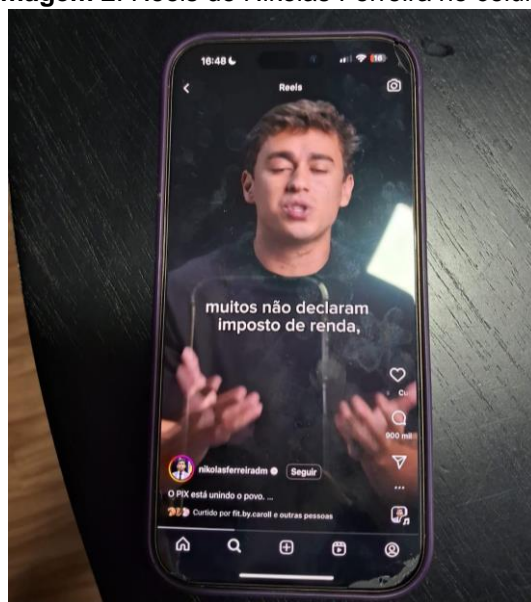
A legenda, ainda, é composta por “unindo o povo”, o que acena para um compartilhamento e para a ideia da união entre os sujeitos. É uma multidão que se movimenta com um ideal fortificado e em prol de algo: uma mudança. Qual será o fim desse gerúndio, portanto? A legenda remete a ideia de que é um lugar que seja o contrário do que o governo está propondo com o Pix.

Adicionalmente a essa análise, a escolha do substantivo “povo” reafirma um tom informal das redes sociais. Aproxima o enunciatário do enunciador e sinaliza para uma distância mínima, próxima e subjetiva entre os atores ali em cena. Por mais que o político esteja se referindo a uma camada em específico, seus eleitores, a proximidade ainda aponta a possibilidade de que esse povo inclua mais pessoas. É um convite para a união ao movimento contra a medida do Pix, uma persuasão e intimidação para se unir ao movimento e não se tornar aquele Outro “um desqualificado como sujeito” (Landowski, 2002, p. 7).

Análise do vídeo: o produto audiovisual

O vídeo de Nikolas está na vertical, uma dimensão característica do *reels* do *Instagram* ou do *feed*. Ele segue o formato do celular. Ao clicar no vídeo, ele se expande em toda a tela, preenchendo totalmente o aparelho da pessoa com o conteúdo ali inserido (Imagem 2). Não há, portanto, espaço para distrações.

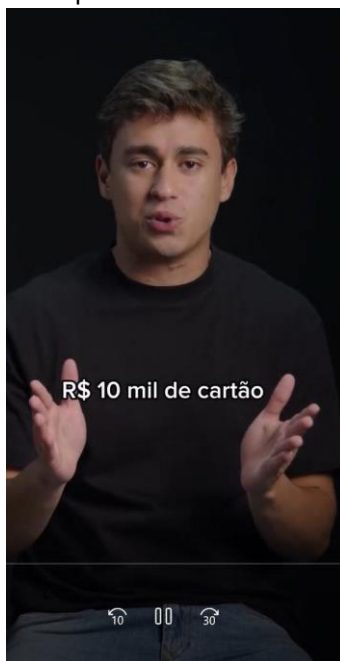
Imagem 2: Reels de Nikolas Ferreira no celular



Fonte: Instagram @nikolasferreiradm

Assim que o vídeo se inicia, nota-se algumas decisões enunciativas. Primeiramente, Nikolas está sentado em uma cadeira. O enquadramento optado pelo enunciador é um plano que prioriza um recorte acima do joelho do deputado até o topo da cabeça dele (Imagem 3). O político protagoniza na tela, está enquadrado e não há espaços para distrações secundárias que poderiam contestar a imagem dele. Isso ainda pode ser reforçado pela colorimetria escolhida. O preto é a cor predominante: está ao fundo, cercando Nikolas e ainda presente em sua camiseta. Essa ausência de cor ou a absorção de todos os comprimentos de onda da luz, que levam à cor preta, se mesclam, de modo que a pele de Nikolas fique em destaque devido ao contraste da ausência de cor com o tom de pele do político. As partes do corpo escolhidas para serem iluminadas são a face, os braços e as mãos. Esses membros são, propositalmente, fundamentais para a gesticulação durante a fala.

Imagem 3: Enquadramento de Nikolas Ferreira



Fonte: Instagram @nikolasferreiradm

O posicionamento da câmera, na linha dos olhos do deputado, indica um posicionamento face a face com o político, em que a mediação das telas é mera tecnologia para esse encontro. É um diálogo importante de ser feito, uma interação em que é necessário se sentar, não se distrair e focar no que será apresentado. Vale ressaltar a presença de legendas sincronizadas com a

linguagem verbal oral de Nikolas. Esse fator auxilia a reiterar a atenção no que está sendo dito.

O político inicia sua fala com as mãos dobradas em cima do colo. É um gesto que indica a necessidade de interpelar quem o assiste a prestar atenção. Sua voz é embalada por uma trilha musical carregada de mistério para construir tensão na narrativa e a expectativa de, juntos, desvendar um segredo.

O político inicia seu vídeo explicando o que é, segundo ele, a polêmica do Pix: “O governo quer saber como você ganha R\$ 5 mil e paga R\$ 10 mil de cartão, mas não quer saber como uma pessoa que ganha um salário mínimo faz para sobreviver pagando luz, moradia, educação, compra do mês e gás”. Na medida em que ele fala, os frames do vídeo se aproximam de seu rosto, enfatizando cada palavra que ele pronuncia. Esse fator ajuda a dar ritmo e reitera a seriedade da narrativa. Esse sincretismo optado pelo enunciador indica uma concatenação em que:

Há uma multissensorialidade conexa em cadeia que opera em relação de coordenação aditiva por complementaridade, interatividade, formando sequências contíguas que são processadas em coalescências sensoriais (Oliveira, 2009, p. 102).

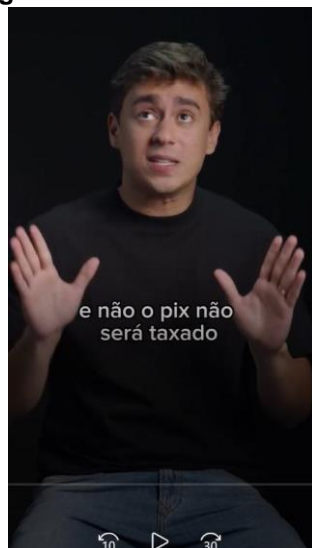
É um reforço da proximidade e da seriedade da narrativa que se desenrola. Em termos de conteúdo, há um recurso argumentativo da ausência e da presença das ações do governo: ao invés do Lula focar em ajudar as pessoas, em pensar em soluções práticas e úteis ao “povo”, ele está querendo saber como as contas são fechadas pelos indivíduos no final do mês. Há uma presença forte de sarcasmo, de uma zombaria com a desconexão do governo, o que explicita a distância que o governo está em relação a quem Nikolas está se dirigindo, ao seu destinatário, e, consequentemente, ao narratário. O Governo Lula, portanto, está alhures. Nikolas e o povo estão aqui, agora, juntos, em interlocução. Isso é reforçado pela flexão dos verbos e dos pronomes pessoais. Caso alguém não tenha ainda entendido a artimanha do governo, está começando a ser esclarecida pelo político que se coloca em uma posição de escancarar o suposto absurdo que está acontecendo. A função do sarcasmo, portanto, tem o objetivo de contagiar a revolta, estimulando os estados de ânimo dos sujeitos inseridos naquela interação.

Na sequência, Nikolas Ferreira cita que esses questionamentos e críticas à medida da Receita Federal têm sido pauta nas redes sociais, e que o papel dele no vídeo é elucidar o porquê de o povo estar reclamando do absurdo da norma elaborada pela Receita Federal. Essa localização atorial do político em relação à narrativa reforça alguns pontos: o povo é dotado de saber e está

ciente dos absurdos impostos ao governo Lula; ele, Nikolas, utiliza sua autoridade para que outros que não estão ainda compactuados com esse contrato fiduciário sejam também esclarecidos; e reforça um elo com o seu destinatário que sabe que o caso do Pix é sério, e, graças a ele, seus argumentos têm mais força para a mudança diante do que o governo estava arquitetando. O narratário, nesse caso, se sente interlocutário, pois também faz parte da narrativa do Nikolas ao se ver nos vídeos exemplificativos que o deputado mostra e também ao ter seu discurso, supostamente, mediado pelo político.

Num próximo momento, o político reforça que o Pix não será taxado (Imagem 4). A voz, dotada de uma carga irônica, é reforçada pela gestualidade de Nikolas Ferreira. Pela primeira vez, desde o início do vídeo, ele rompe o olho a olho com seu suposto interlocutário e olha para cima. Ele ergue as mãos como se estivesse esclarecendo algo óbvio, imitando a fala de outra pessoa enquanto a ridiculariza. É um aceno de que essa fala não pertence a ele, nem ao grupo com que está dialogando, o povo. Em questão dos recursos argumentativos, há um mapeamento de que o que é dito e reiterado pelo governo, de que não haverá taxaço do Pix, não está enganando ninguém.

Imagem 4: “O Pix não será taxado”

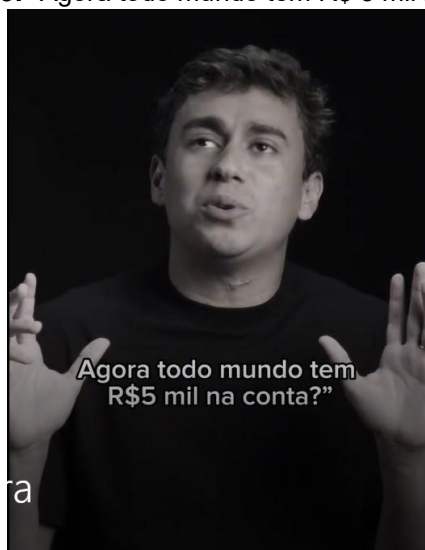


Fonte: Instagram @nikolasferreiradm

É importante salientar que há alguns momentos em que o quadro altera de cor e fica em uma escala preto e branco (Imagem 5). Isso ocorre exatamente quando Nikolas imita uma voz não pertencente ao grupo e, dessa forma, a

ridiculariza. Como no outro momento, Nikolas, ao imitar a voz destoante, levanta as mãos, muda o tom de voz e quebra o contato com a câmera.

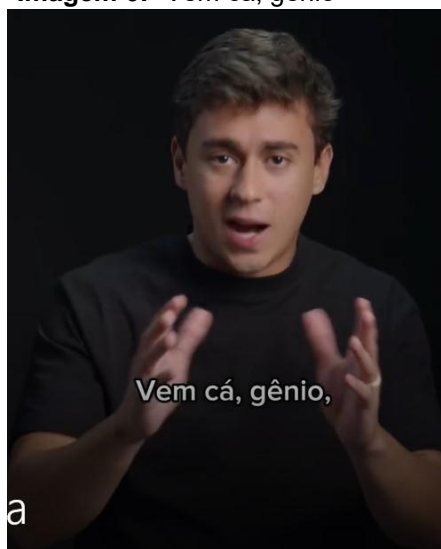
Imagem 5: “Agora todo mundo tem R\$ 5 mil na conta?”



Fonte: Instagram @nikolasferreiradm

Quando retoma o seu personagem, esclarecedor, a vibração da cor volta à tela (Imagem 6). Ele novamente encara seu interlocutário e categoriza o anterior como alguém desprovido de inteligência. O contraste reforça a ideia de povo e também o caracteriza como alguém dotado de saber. O jogo de imitações de Nikolas ainda intimida quem está assistindo, uma vez que a proposta não opta por tomar uma trajetória que apenas irá prejudicá-lo.

Imagem 6: “Vem cá, gênio”



Fonte: Instagram @nikolasferreiradm

Ao final, Nikolas Ferreira afirma: “*Se a gente não parar o Lula, o Lula vai parar o Brasil*”. Essa frase, em consonância com a legenda do *post* — que afirma que “*O Pix está unindo o povo*” — demonstra movimentação e união das pessoas não para contestarem a medida da Receita Federal, mas para se oporem ao Governo Lula. O vídeo do deputado, portanto, ressalta que o verdadeiro problema é mais sério do que esse erro do Pix, é quem está no poder. Nesse momento, o desconhecido, o inimigo que estaria vindo contra o povo, é revelado por Nikolas, que se reforça não apenas como uma Imagem representante do povo, mas também se eleva como uma autoridade capaz de desvendar qual é realmente o problema. Ele aprofunda, em prol do povo, com o povo, para o competencializar.

A construção do sentido da suposta taxaço do Pix

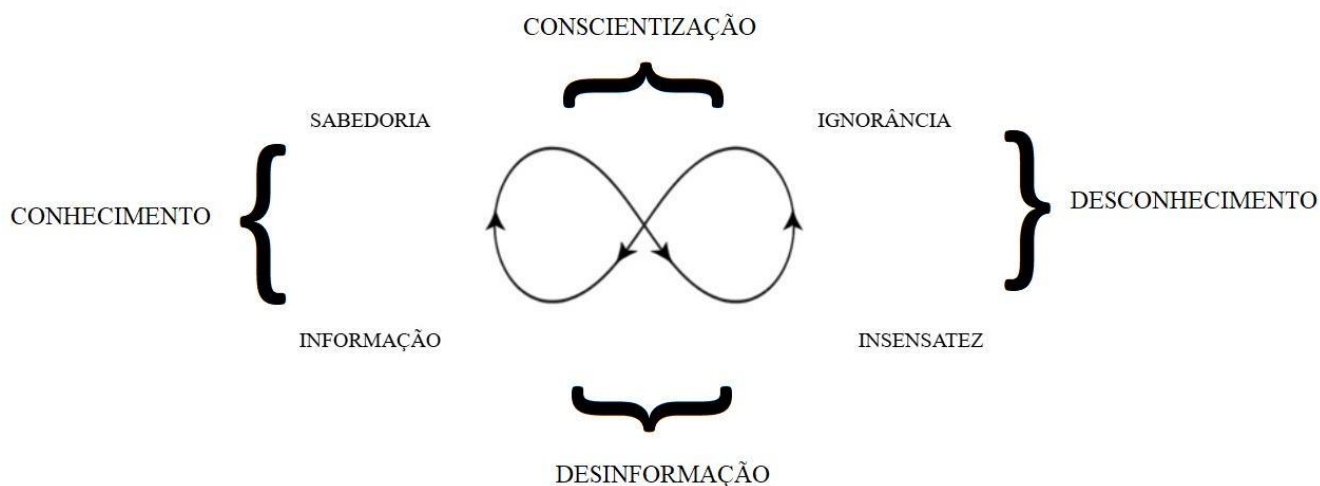
No nível discursivo, seguindo as interações discursivas de Oliveira (2013), é possível salientar que no vídeo temos um sentido que vai ser conquistado. O enunciatário é convencido, por meio da enunciação, de que o governo está tentando monitorar o Pix, prejudicar a população e que, na verdade, quem é o “outro” e está contra ele é o governo Lula. Isso é realizado nos frames rápidos, na argumentação do político, na trilha sonora, na colorimetria, todos os feixes utilizados durante esse percurso. É um enunciador que conhece o enunciatário e suas vontades e, a partir disso, monta suas opções de interação doando ao enunciatário competências cognitivas e performáticas.

No nível narrativo, percebe-se a predominância de um regime focado na manipulação por intimidação e persuasão. O principal recurso da proximidade, explicitado no nível discursivo, auxilia a possibilidade de uma manipulação por contágio, a qual busca incentivar o povo a lutar contra o verdadeiro inimigo. É o face a face do Nikolas que promove uma catarse da revolta: mais que mediador, mais que interlocutor, ele é a figura central do herói mediador que busca representar os anseios da população, conforme Landowski (2002). O objeto de valor, nesse caso, é o conhecimento.

No nível axiológico, é possível chegar na elipse semiótica abaixo em que o que está em circulação durante o vídeo é o conhecimento e o desconhecimento. Esse sentido é manipulado pelo político de modo a tentar construir seu discurso, e replicá-lo nas redes sociais, com um protagonismo da dinâmica localizada no canto superior esquerdo da elipse semiótica em que,

supostamente, por meio dele o eleitor irá se conscientizar e agregar conhecimento diante da polêmica do Pix.

Imagem 7: Nível axiológico



Fonte: Arte da autora

Esse simulacro de conhecimento é fundamental para esmiuçarmos as estratégias da viralização das redes sociais e do intuito deste *post*. Vemos que a construção do sentido se baseia no simulacro de passar um esclarecimento para o sujeito, sendo que o fio norteador encontra-se exatamente no oposto da elipse em que preserva a desinformação ou o desconhecimento.

Considerações finais

Diante do que foi apresentado, compreende-se que a viralização do conteúdo promovido por Nikolas Ferreira teve como principal alicerce uma estratégia discursiva que se apoiou na proximidade para poder persuadir o destinatário a uma determinada compreensão dos fatos ali narrados. A narrativa, em si, promete desvendar um mistério com uma trama que ridiculariza quem não está de acordo com a visão de mundo ali defendida. O vídeo é persuasivo para que seja assistido até o fim, caso contrário o destinatário será excluído, será ignorante e pertencerá a uma dinâmica da desinformação.

Além disso, é possível apontar a importância de um narrador centrado como o cerne da narrativa. Nikolas teve o papel de conduzir o que estava sendo ali exposto e foi responsável por conseguir reter a atenção dos destinatários por meio de uma narrativa mais subjetiva e próxima da realidade do outro com uma

argumentação sensível e informal. O potencial dessa estratégia é problematizado ao refletirmos que a desinformação em circulação pode ter o impacto de derrubar uma política do Governo. Não é uma questão, portanto, de ser certo ou errado ou de caracterizar uma notícia como falsa ou verdadeira, mas de que modo essas ideias podem ser construídas para circularem nas redes sociais.

Evidentemente, com uma crise institucional, característica desse período marcado pelo extremismo, torna-se desafiador enfrentar uma predileção da informação por meio dessas figuras que não têm ética associada aos fatos. Entretanto, é necessário aprender a dinâmica interacional da desinformação e o modo com que cada discurso pretende se fazer crer verdadeiro, pois o domínio é da subjetividade e não do fato. Ademais, o estudo dessas estratégias discursivas é importante não para rechaçá-lo e caracterizá-lo como subversão à ordem pública, mas serve como um aprendizado de que, em terra de *big tech*, a estratégia discursiva é rei. Exatamente por conta desses fatores, é possível temer a velocidade com que as desinformações podem ser apropriadas como verdadeiras e penetradas na sociedade com o potencial de desestruturar políticas educacionais e financeiras positivas para o país.

Bibliografia

BARROS, Diana Luz Pessoa. O discurso intolerante na internet: enunciação e interação. In: Proceedings XVII CONGRESO INTERNACIONAL ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA DE AMÉRICA LATINA (ALFAL 2014). Disponível em <<https://www.mundoalfal.org/CDAnaisXVII/trabalhos/R0716-1.pdf>>. Acesso em 25.nov.2025

BISSIATI, Edson Lugatti Silva et al. O recrudescimento do ultraconservadorismo no Brasil: análise do discurso político-religioso de Nikolas Ferreira contra os valores e pautas feministas e LGBTQIAP+. DOI: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.9688>

DEMURU, Paolo; FECHINE, Yvana; LIMA, Cecilia Almeida Rodrigues. Desinformação como camuflagem: modos de produção da verdade no WhatsApp durante a pandemia. Anais do XXX Encontro Anual da Compós. Disponível em: <http://www.compos.org.br/anais_encontros.php>, 2021. ISSN: 2236-4285.

ELTZ, Luiza. Enunciação nas transmissões ao vivo do UOL News no YouTube e os simulacros de reciprocidade. 2024. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2024.

_____, Luiza. Webjornalismo e escuta da atualidade: da proximidade à bajulação no YouTube. Acta Semiotica. IV, 8, 2024, p. 104-112. DOI: <https://doi.org/10.23925/2763-700X.2024n8>

GREIMAS, Algirdas Julien.; COURTÉS, Joseph. Dicionário de semiótica. Trad. Alceu Dias Lima et alii. São Paulo: Editora Cultrix, 2008.

JENKINS, Henry. Cultura da Convergência. São Paulo: Aleph, 2013.

JENKINS, _____.; FORD, Sam.; GREEN, Joshua. Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável. Editora Aleph, 2015. E-book. ASIN: B015EE5KMO.

LANDOWSKI, Eric. As metamorfoses da verdade, entre sentido e interação. Estudos semióticos, v. 18, n. 2, p. 1-22, 2022. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2022.20037>

_____, E. Interações Arriscadas. Tradução de Luiza Helena Oliveira da Silva. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014.

_____, E. Presenças do outro. Tradução de Mary Amazonas Leite de Barros. Editora Perspectiva, 2002.

_____, E. Manipular por contágio. Revista Acta Semiotica. São Paulo, Brasil, n. 2, p. 176–196, 2021. DOI: 10.23925/2763-700X.2021n2.56791. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/actasemiotica/article/view/56791>. Acesso em: 20.ago. 2022.

OLIVEIRA, Ana Claudia de (Ed.). Interações Sensíveis. Ensaios de sociossemióticas a partir da obra de Eric Landowski. São Paulo: Estação das Letras e Cores e Editora do CPS, 2013, p. 235-266.

_____, Ana Claudia de; TEIXEIRA, Lúcia. Linguagens na comunicação: desenvolvimentos de semiótica sincrética. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.

Recebido em: 02/10/2025

Aceito em: 02/01/2026